

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

Revista Portuguesa de História

TOMO XVII

HOMENAGEM AO DOUTOR TORQUATO DE SOUSA SOARES

II



COIMBRA/1977

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS PORTUGUESES NA UNIVERSIDADE DE ALCALÁ (1509-1640)

I. Não se toma possível erguer a história global da cultura portuguesa sem apurar o papel das universidades do estrangeiro na formação dos nossos mestres e escolares. Mesmo aceitando que o pensamento nacional mergulha as suas raízes no próprio meio em que se desenvolveu ao longo dos tempos, não é menos verdade que muitas figuras da Idade Média e do Renascimento frequentaram os gerais da Itália, França e Espanha e trouxeram para o seu país um recheio de erudição e métodos de ensino que as prendem culturalmente às Escolas e colégios de que foram alunos. Dir-se-á que a cultura até ao século XVI foi essencialmente latina e cristã, sob a égide poderosa da Igreja romana, não sendo fácil diferenciar aspectos nacionais de uma formação que se pretendia universal. Não obsta, contudo, a que tenham de se apurar os graus de desenvolvimento que a cultura nacional foi tomando e as influências estranhas que contribuíram para fortalecer a sua estrutura.

Procedeu-se nos últimos anos a um esforço de investigação sobre essa presença nas Universidades de Paris, Toulouse, Salamanca, Montpellier, Oxford e em vários Estudos italianos⁰). Mas quase tudo se

⁰ Vejam-se nomeadamente os trabalhos de Luís de Matos, *Les Portugais à V Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, 1950. Idem, *Les Portugais en France au XVIème siècle*, Coimbra, 1952. Joaquim Veríssimo Serrão, *Portugueses no Estudo de Toulouse*, Coimbra, 1954. Idem, *Les Portugais à V Université de Toulouse, XIII^e-XVII^e siècles*, Paris, 1970. Idem, *Les Portugais à V Université de Montpellier. XII^e-XVII^e siècles*, Paris, 1971. António Domingues de Sousa Costa, «O doutoramento em Bolonha do Secretário de D. João I — Doutor Langarote, Conde Palatino e embaixador ao Concílio de Pisa», in *Itinerarium*, ano III, n.º 14, Braga, 1957, pp. 202-220. Idem, *Portugaliae Monumenta Vaticana*, vol. I, Súplicas, Roma — Porto, 1968. Peter Russell, «Medieval Portuguese students at Oxford

ignora no que respeita a Alcalá de Henares, desde que o Cardeal de Cisneros, em 1509, deu vida ao Estudo complutense. A tradição guardou vários nomes que, sem registo de prova, continuam a apontar-se como ligados a essa Escola. Mas a falta de uma obra de conjunto, com base na documentação existente, constitui uma grave lacuna na história da cultura peninsular. Com o desejo de que um investigador diligente venha a encetar esse trabalho, aqui deixamos uma série de notas que podem abrir caminho para o definitivo traçado da matéria, a qual supõe, também, como é evidente, o recurso à bibliografia histórica (2).

2. Não pode manter-se o juízo tradicional de considerar Alcalá como tendo desempenhado uma formação decisiva na cultura nacional. Defende-se ainda que essa Universidade chegou a ombrear com o prestígio de Salamanca e que a sua influência foi predominante nos escolares portugueses que ali ascenderam à cátedra ou obtiveram os seus graus académicos. Em face da documentação consultada no Arquivo Histórico Nacional, de Madrid, chega-se a uma conclusão diferente (3). Nunca houve em Alcalá de Henares uma «nação» lusitana, como sucedeu, durante o Renascimento e na época da monarquia dualista, em Salamanca. Ainda que o nosso inventário seja incom-

University», in *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, A. Band, Münster, Westfalen, 1960, pp. 183-191. Sobre os portugueses em Pisa veja-se a notícia de Giacinto Manuppella, in Estêvão Rodrigues de Castro, *Obras Poéticas*, Coimbra, 1967, pp. 1-8. Para o conjunto veja-se *Chartularium Universitatis Portugalis (1288-1537)*, por A. Moreira de Sá, vols. I-VI, Lisboa, 1966-1974.

(2) Além da bibliografia indicada no texto, vejam-se também: J. de Vallejo, *Memorial de la vida de fray Francisco Jiménez de Cisneros*, por António de la Torre, Madrid, 1913. Idem, *La Universidad de Alcalá. Datos para su historia hasta San Lucas de 1519*, Madrid, 1910. Idem, *La Universidad de Alcalá. Estado de la enseñanza según las visitas de cátedras de 1524-25 a 1527-28*, in «Homenaje a Menéndez Pidal», t. III, Madrid, 1925. Marcel Bataillon, *Erasmus et l'Espagne*, México-Buenos Aires, 1966. J. Urriza, *La preclara Facultad de Artes y Filosofía de la Universidad de Alcalá en el Siglo de Oro. 1509-1621*, Madrid, 1942.

(3) Além das fontes históricas que se assinalam no texto, vejam-se também no Arquivo Histórico Nacional; F. 430 (Libro de claustros de la Facultad de Artes); F. 431 (Matriculas, de 1548-1554); F. 432 (Idem, 1554-1555); F. 1233 (Libro de recepciones de colegiales y cappellanes mayores del Colegio de San Ildefonso. 1508-1786); legajo 40 (Expedientes de oposiciones a cátedras de Artes y Filosofía. 1550-1610); legajo 34 (Expedientes de oposiciones a cátedras de Leyes y Canones. 1551-1615); Sig. 425 (Libro de claustros de la Facultad de Canones); etc.

pleto, pois apenas teve em conta o colégio de Santo António, toma-se possível assentar que a frequência de portugueses foi reduzida, não passando de casos isolados e com pessoas cujos bens de fortuna ou especial protecção lhes permitia fugir do bulício salmantino para se fixarem numa Escola mais tranquila.

De qualquer forma, haverá que examinar os registos de matrículas, actos, graus e provisões, assim como a posse de cátedras e a recepção a escolares e capelães dos vários colégios, nomeadamente o de Santo Ildefonso. A pesquisa talvez conduza a novas revelações sobre a vida do Estudo complutense de 1509 a 1640. Como simples contribuição deixamos aqui este conjunto de dados, na justa homenagem que se presta ao grande medievista e nosso querido mestre, Senhor Prof. Doutor Torquato de Sousa Soares, que com a sua docência e obra honrou a Universidade de Coimbra.

3. No outono de 1508 já tinham chegado a Alcalá de Henares alguns estudantes de Artes, para ouvir as lições de Súmulas de mestre Miguel Pardo. Entre eles contavam-se GEORGIUS ULIXBONENSIS, o bacharel BERNARDUS PORTUENSIS e FREI PETRUS SANTARENENSIS (4). Sobre os dois primeiros nada se apurou, mas já no que respeita a Frei Pedro devemos estar perante o homónimo que na Universidade de Lisboa concorreu, em 10 de Março de 1518, à cadeira de véspera de Medicina, a que foram também candidatos o doutor Mestre Gil e o bacharel Cristóvão da Costa (5). No que respeita a Frei Pedro, que pertencia à Ordem de S. Francisco, apresentou como título o grau de mestre em Medicina pela Universidade de Pa via, obtido a 18 de Dezembro de 1510 (6). Os 29 membros do júri votaram em Mestre Gil, que no dia 15 de Março iniciou a docência.

Pelo ano de 1509 estudou em Alcalá um JOÃO FRANCÊS, natural de «Frege», termo de Bragança (7), que era aluno do Colégio de Santo

(4) Biblioteca Nacional de Madrid, Mss. 18690/78, pub. D. Vicente Beltrán de Heredia, *Cartulario de la Universidad de Salamanca*, vol. V, Salamanca, 1972, pp. 331-332.

(5) Eleição do doutor Mestre Gil para a cadeira de véspera de Medicina; pub. Artur Moreira de Sá, *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis*, vol. II (1516-1529), Lisboa, 1975, p. 75, n.º DCXXXVIII.

(6) Idem, *ibidem*, vol. II, p. 76.

(7) Dr. José de Rújula y de Ochotorena, Marqués de Ciadoncha, *Indice de los Colegiales del Mayor de San Ildefonso y Menores de Alcalá*; Consejo Superior

Ildefonso (8). Tendo Frei João Claro, lente de véspera de Teologia na Universidade de Lisboa, obtido a transferência para a cátedra de prima, que vagara por morte de Frei João de Madalena, foi aquela cadeira posta a concurso em Julho de 1517, vindo a obtê-la mestre João Francês (9). Quatro anos depois provou haver feito os cursos em Alcalá para a obtenção do grau de licenciado em Teologia. Nessa Escola fora leitor durante 5 ou 6 anos, como podia testemunhar com os seus diplomas. O Reitor, lentes, conselheiros e deputados da Universidade de Lisboa logo o autorizaram a apresentar-se a exame privado (10). Os pontos foram afixados em 22 e 23 de Fevereiro, sendo o bacharel conduzido à Sé catedral, «ao lugar acostumado aos semelhantes autos», tendo ali respondido à arguição do licenciado Frei João e de outros mestres que o aprovaram por unanimidade. A João Francês foi então concedido o grau de licenciado, podendo reger, não apenas no Estudo ulissiponense, «mas em qualquer outro do mundo onde se achar» (1 *). E no dia 17 de Março, na casa do Cabido do mosteiro de S. Vicente de Fora, tomou o grau de mestre em Sagrada Teologia, sob a protecção de Mestre João de Gândavo e na presença de outros doutores, licenciados, bacharéis e escolares (12).

4. A referência imediata localiza-se no Outono de 1513, quando ANDRÉ DE RESENDE chegou a Alcalá, onde pontificava o saber clássico de António de Nebrija, humanista que grangeou celebridade em terras hispânicas (13). Nada se encontrou nos registos da Universidade que

de Investigaciones Científicas, Madrid, 1946, p. 260. É provável que a terra de naturalidade fosse Frechas, freguesia do concelho de Mirandela, a menos que se trate de Freixo de Espada à Cinta.

(8) Arquivo Histórico Nacional, Madrid, códice 1233 F., *Libro de recepciones de colegiales y capellanes mayores del colegio de San Ildefonso. 1508-1786*, fol. 3.

(9) Francisco Leitão Ferreira, *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, parte I, 2.ª edição, Coimbra, 1937, pp. 405 e 809.

(10) Artur Moreira de Sá, *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis*, obra citada, vol. II, pp. 161-162, n.º DCCXXXV.

(11) Idem, *ibidem*, vol. II, p. 162, n.º DCCXXXVI.

(12) Idem, *ibidem*, vol. II, p. 165, n.º DCCXXXVIII.

(13) «Ego nondum annos decem et tres excesseram, quum istheic (Compluti) curante matre, nam patre orbatus pridem eram, Antonio Nebrissensi praeceptoris operam dedi». Cf. Francisco Leitão Ferreira, «Vida de André de Resende», in *Archivo Historico Portuguez*, vol. IX, Lisboa, 1914, p. 193; e «Cronologia Resendiana», *ibidem*, vol. IX, p. 323.

comprove os estudos de Resende, que teria ali permanecido até 1518, ano da sua transferência para Salamanca. O único ponto de contacto respeita à aprendizagem com Nebrija, a quem se refere sempre com a maior simpatia⁽¹⁴⁾.

No entanto, tem de aceitar-se que outros portugueses frequentavam então os gerais de Alcalá. Quando, em 1 de Setembro de 1515, se afixaram no Estudo de Lisboa os alvarás para o preenchimento da cadeira de véspera de Teologia, além de Frei Luís, que obteve a regência, surge «o bacharel dalcala danhaves»⁽¹⁵⁾. A menos que se trate do João Francês acima mencionado, está-se na presença de um outro escolar de formação complutense. Talvez fosse português o «Juan López» que vem citado na lista de 1516 dos bacharéis em Artes por Alcalá⁽¹⁶⁾, dado que um escolar homónimo assinou em Salamanca, a 24 de Março de 1514, como testemunha dos irmãos Gabriel e Manuel Gomes, que na cidade do Tormes obtiveram o bacharelato em Artes⁽¹⁷⁾. Não causaria, pois, estranheza que tivesse depois passado a Alcalá de Henares para a conquista do mesmo grau.

A docência de Nebrija em Alcalá esteve na origem da fixação de vários escolares portugueses. Mestre em Salamanca no ano de 1513, viu-se preterido, na oposição à cátedra de Gramática, por um competidor medíocre, pelo que aceitou um convite da nova Universidade. Desde os fins de 1514 até 3 de Julho de 1522, data da sua morte, ocupou a cadeira de Retórica. Mas com o saber universal da sua formação de humanista, Nebrija destacou-se entre os colegas por cultivar ao mesmo tempo as línguas clássicas, a medicina, a botânica e a própria ciência experimental⁽¹⁸⁾.

Neste quadro histórico deve inserir-se a escolaridade de GARCIA DE ORTA, confirmada nos *Colóquios dos Simples e Drogas* pelo licen-

(14) André de Resende, *Oração de Sapiência (Oratio Pro Rostris)*, com introdução e notas de A. Moreira de Sá e tradução de Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, 1956, p. XI.

(15) Artur Moreira de Sá, *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis*, obra citada, vol. I, Lisboa, 1973, p. 357, n.º CDXCII.

(16) D. Vicente Beltrán de Heredia, *Cartulario de la Universidad de Salamanca*, vol. V, Salamanca, 1972, pp. 337-338.

(17) Artur Moreira de Sá, *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis*, obra citada, vol. I, p. 312, n.º CDXXXIII.

(18) Felix Olmedo, *Nebrija (1441-1522). Debelador de la barbarie, comentarador eclesiástico, pedagogo-poeta*, Madrid, 1942, pp. 48-53.

ciado Dimas Bosque que, em carta ao autor, o declara «ensinado nos princípios das insígnies universidades de Alcalá e Salamanca» (19). No colóquio V, também Orta se refere ao antigo mestre, a quem aponta um erro, mas declarando que «Lebrixa era muy docto e curioso» (20). O contacto teve certamente lugar em 1514-1515, dado que Garcia de Orta passou então aos gerais de medicina de Salamanca, onde por volta de 1523 veio a licenciar-se (21).

Para esse tempo existem em Alcalá os registos de actos universitários, mas raramente o nome dos escolares se faz acompanhar da indicação da diocese. No caso da Teologia, conserva-se notícia de bacharéis que podem ter sido portugueses, tal o caso de Pedro Fernandes (2 de Janeiro de 1522), do «bachalarius Manuel» (com prova de cursos, em Novembro), de Miguel Carrasco (1526). Admite-se, todavia, que os nossos escolares não tenham na mesma época frequentado os gerais complutenses de Teologia (22). A mesma conclusão se pode extrair para o ensino de Filosofia e Artes, em que apenas o nome de Gonçalo Gil poderia levantar a suspeita de nacionalidade (23).

Não se pode documentar a fixação do bacharel PEDRO NUNES, que, por ser preterido na oposição a uma cátedra de Artes em Salamanca, deve ter estado em Alcalá de 1526 a 1529, só chegando a Lisboa em fins desse ano (24). Mas já se crê possível identificar o bacharel PEDRO MARTINS, que vem mencionado como bacharel em Artes, no dia 16 de Outubro de 1529 (25). Devia ser o «bacharel» homónimo que em 14 de Agosto de 1528, no Estudo Geral de Lisboa, fora dispensado de certos pontos no exame público para mestres de Gramática (26 * *). A passagem

(19) Obra citada, 2.ª edição, vol. I, Lisboa, 1892, p. 10. Veja-se também Conde de Ficalho, *Garcia da Orta e o seu Tempo*, Lisboa, 1886.

(20) Idem, *ibidem*, pp. 65-68.

(21) Joaquim Veríssimo Serrão, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, vol. I, Lisboa, 1962, pp. 165-168.

(22) Arquivo Histórico Nacional, Madrid, F. 396, *Registros de actos de la Facultad de Teologia de Alcalá de Henares. 1520-1549*.

(23) Idem, F. 397, *Registros de actos y grados, provisiones y posesiones de cátedras de la Universidad de Alcalá de Henares. 1523-1544*, fol. 8.

(24) Joaquim Veríssimo Serrão, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, vol. I, pp. 196-202, e a bibliografia aduzida.

(25) Arquivo Histórico Nacional, Madrid, F. 397, *Registros de actos y grados, provisiones y posesiones de cátedras de la Universidad de Alcalá de Henares*, fol. 35.

(26) Artur Moreira de Sá, *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis*, vol. II, p. 455, n.º MXXI.

ao Estudo de Cisneros destinou-se, pois, a obter a láurea superior que ignoramos se lhe foi concedida (27).

5. No ano de 1530 acha-se referência a FRANCISCO LOPES e a FREI PAULO, ambos de «Porte Alegre» (*sic*) e que obtiveram o grau de bacharel em Artes no dia 6 de Junho (28). O primeiro manteve-se nos gerais, surgindo como licenciado a 8 de Outubro de 1531: «Francisais Lopes lusitanus» (29). Nesse mesmo ano, a 1 de Abril, conquistara também o bacharelato FRANCISCO XIMENES, de quem tudo se ignora (30). O mesmo sucedeu com FRANCISCO RODRIGUES, português, citado a 14 de Junho de 1534, com idêntico grau (31). E não deixa de ser interessante referir que um JOÃO RODRIGUES DA VEIGA, irmão ou familiar de Tomás Rodrigues da Veiga, que a partir de 1538 foi lente de Medicina na Universidade de Coimbra, também obteve em Alcalá, a 2 de Junho de 1532, o grau de bacharel em Artes (32). Acrescente-se que, a 14 de Outubro de 1534, o mesmo João da Veiga alcançou a licenciatura (33).

A frequência não devia então ser numerosa, pois chegou mesmo a aventar-se a transferência ou extinção do Estudo. A vila sofria os efeitos de uma péssima rede sanitária, sucedendo que as águas da chuva ficavam estagnadas durante semanas, o que era causa do «paludismo endémico» de que sofriam os moradores. Tal situação levou Cisneros a providenciar no calçetamento das ruas, mas as obras fizeram-se com muita lentidão. Um período de férias de verão foi criado em 1530, a fim de os escolares abandonarem a terra na época mais propensa ao contágio, referindo os textos que houve muitos que foram vítimas dessa poluição (34).

(27) Torna-se difícil a identificação com o homónimo que a 23 de Dezembro de 1531, na Universidade de Salamanca, provou ter feito dois cursos em Lisboa, nos anos de 1526-1527, e mais dois naquela Escola, nos anos seguintes. Arquivo da Universidade de Salamanca, *Cursos*, livro 542, foi. 65vº.

(28) Arquivo Histórico Nacional, Madrid, F. 397, foi. 38vº.

P) Idem, idem, F. 397, fol. 48.

(30) idem, idem, F. 397, fol. 45vº.

(31) Idem, idem, F. 397, fol. 66.

(32) Idem, idem, F. 397, fol. 52.

(33) Idem, idem, F. 397, fol. 67.

(34) Veja-se a valiosa anotação de D. Vicente Beltrán de Heredia, *Cartulario de la Universidad de Salamanca*, vol. V, pp. 282-283.

As fontes consultadas, ainda que outras possam aparecer com novos dados, apenas revelam escolares portugueses no ano de 1538. A transferência da Universidade para Coimbra obedecia, no pensamento de D. João III, ao regresso de muitos alunos que viviam no estrangeiro, assim como ao recrutamento de mestres de renome a quem o monarca ofereceu condições excepcionais para prosseguir a carreira docente no nosso país. Quanto aos professores, vieram quase todos do Estudo salmantino, pois de Alcalá apenas se apurou o nome de Frei Martinho de Ledesma, que começou a reger em Coimbra no mês de Janeiro de 1540 ⁽³⁵⁾. A sua vinda permitiu radicar no Estudo joanino uma nova expressão da ciência teológica, que ajudou a formar muitos teólogos portugueses do tempo ⁽³⁶⁾.

Quanto aos estudantes, como já foi possível estabelecer no caso de Salamanca ⁽³⁷⁾, sucedeu que não chegaram com a pressa desejada e só alguns anos mais tarde, por meio de disposições que ameaçavam o não-reconhecimento dos graus, começaram a voltar ao reino.

No ano de 1537 encontram-se em Alcalá, no rol dos bacharéis artistas, vários nomes que permitem supor a naturalidade portuguesa. Tal o caso de MARCOS RODRIGUES e FRANCISCO DA VEIGA ⁽³⁸⁾. A 18 de Janeiro de 1538 recebeu a cátedra de Medicina o doutor RODRIGO DE REINOSO, que veio a ser lente da Universidade de Coimbra e um dos mais famosos médicos do seu tempo. Pertencia a uma família com troncos vários na Itália e na Espanha e que depois se estendeu a Portugal ⁽³⁹⁾.

6. Um escolar português cuja vida se ignora, FERNANDO LOPES, obteve os graus académicos em Alcalá de Henares. Era natural de Cunha Alta, freguesia do concelho de Mangualde, na diocese de Viseu tendo feito acto para bacharel em Medicina a 29 de Outubro de 1541, na presença do doutor Femão Dias de Herrera ⁽⁴⁰⁾. Tentou em seguida

⁽³⁵⁾ Joaquim Veríssimo Serrão, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, obra citada, vol. I, pp. 130.

⁽³⁶⁾ Francisco Leitão Ferreira, *Alphabeto dos Lentes da Insigne Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1937, pp. 254-255-307.

⁽³⁷⁾ Veja-se o nosso estudo *Portugueses no Estudo de Salamanca*, vol. I, pp. 132-138.

⁽³⁸⁾ Arquivo Histórico Nacional, Madrid, F. 397, foi. 95vº.

⁽³⁹⁾ Idem, idem, F. 397, fols. 100vº-118vº-147-?; w.y/m.

⁽⁴⁰⁾ Idem, idem, F. 397, fol. 143vº.

obter o mestrado : um ano depois, fez acto de primeiro princípio, presidiendo ao júri o doutor Álvaro de Torres ⁽⁴¹⁾; e a 30 de Outubro de 1543, prestou exame de segundo princípio, com os doutores Cristóvão da Veiga, Moratel e Benavente ⁽⁴²⁾. Nas várias provas é sempre referido como «Femã López, portugués, vezino desta villa». A 26 de Março de 1545, «bachalarius Ferdinandus Lopes lusitanus fecit actum publicum S. Tertium principium in Medicina ut mores est, sub presidete doctore Ferdinando Dias de Herrera praesentibus ibidem magistro Domino Rectore et Dominis doctoribus Didaco de León et Xforo de Vega et Johanne de Benavēte» ⁽⁴³⁾. O último acto público para a mestria tem a data de 24 de Outubro de 1545: «Die viccessima quarta octobris supradicti bachalarius Ferdinandus Lopes lusitanus fecit actu publicum S. Alfonsinam in Medicina ut mores est, sub presidete bachalario Bartholomeu de Berver» ⁽⁴⁴⁾. Além do Reitor, estavam presentes os doutores Diogo e Francisco Pontano e Cristóvão da Veiga.

O doutor Fernando Lopes manteve-se, pois, fiel ao Estudo Geral onde fizera a sua formação, sendo-lhe concedido o grau de licenciado a 22 de Novembro e a láurea doutoral a 14 de Dezembro seguinte, na presença do Reitor e dos lentes da sua Faculdade: «Die quatordecima decembris anni supradicto hora undecima ante meridiem in theatro etc. ferdinandus lopez lusitanus promotus est ad gradum doctoratus in medicina ut more est. presentibus ibidem magistris dominis Rectore et cancellario supradictis et domino doctore didaco de leon decano facultatis medicine insignia doctoraba conferente et doctore francisco franco cantillenam galli canente et doctore gasparo de sancto petro ad gallincinium respondentem etc. ut morie est. Et alfonso de rica fueete appostolico notario fecit» ⁽⁴⁵⁾.

7. Não devia ser português o Francisco Siliceo, matriculado no Colégio de Santo Antonio em 1546, pois referiu como terra de origem Vila Garcia (Badajoz), o mesmo sucedendo com Manrique de Chaves, que ali se inscreveu em 1548 ⁽⁴⁶⁾. Mas tudo leva a crer que o era

(41) Idem, idem, F. 397, fol. 155v°.

(42) Idem, idem, F. 397, fol. 167.

(43) Idem, idem, F. 398, fol. 6.

(44) Idem, idem, F. 398, fol. llv°.

(45) Idem, idem, F. 398, fols. llvM2.

(46) Idem, F. 1251, fol. 73 e 128.

ANDRÉ ALVARES NUNES, que neste ano se matriculou no Colégio de Santo Eugênio e disse ser «ulixbonensis» (47).

No ano de 1546 coloca-se a passagem do cónego Gaspar Barreiros, que ia a Roma em missão do Infante D. Henrique para, em nome deste, agradecer a Paulo III a púrpura cardinalícia em que o mesmo fora investido. No seu testemunho, o burgo complutense contava 1.000 vizinhos, ou seja, uma população ao redor de 4.000 habitantes, havendo nela 1.000 escolares, número que outros elevavam, com exagero, para 3.000. Tal facto mostra a importância que tinha a Universidade na vida local. Havia ali 5 mosteiros de frades, incluindo os colégios, mais 2 de freirás. O viajante não refere, porém, qualquer nome português, o que permite afirmar que não eram em grande número os escolares que ao tempo ali viviam (48).

No início da década de 50 chegara um MANUEL LOPES, natural do Porto, que a 27 de Outubro do ano seguinte se matriculou nos gerais de Teologia (49). Para evitar a presença de cristãos-novos, desde 1532 que começara a exigir-se o estatuto de limpeza de sangue a quem desejasse ser promovido a licenciado e mestre teólogo (50). Aparecem certos nomes, de que não se indica a origem, que talvez fossem portugueses: a 23 de Abril de 1551, Fernando Raposo de Castro repete lições em direito canónico, sob a presidência do doutor Carrilho; recebendo o grau de licenciado a 1 de Maio seguinte (51). No rol de 183 bacharéis em Artes do ano de 1551, não se encontrou nenhum português. Mas nesse ano o já citado MARCOS RODRIGUES recebe o grau de mestre em Artes e Filosofia (52). Também surge um nome

(47) Idem, F. 431, *Expedientes de oposiciones a cátedras de Artes y Filosofía. 1550-1610*, foi. 15.

(48) *Corographia de algvns Ivgaes que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros o anno de M.C.XXXVI.*, Coimbra, 1561, foi. 60.

(49) Arquivo Histórico Nacional, Madrid, F. 431, sem ind. de folio.

(50) D. Vicente Beltrán de Heredia, *Cartulario de la Universidad de Salamanca*, vol. V, pp. 417-418, n.º 2180.

(51) Arquivo Histórico Nacional, Madrid, F. 398, sem ind. de folio.

(52) Deve ser o mesmo escolar, natural de Estremoz, que em 1564 obteve a licenciatura de medicina na Universidade de Toulouse (Cf. Joaquim Verissimo Serrão, *Les Portugais à V Université de Toulouse*, Paris, 1970, pp. 136-140) e em 1576 era médico do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Cf. Mário Brandão, *Actas dos Capítulos do Mosteiro de Santa Cruz*, Coimbra, 1946, pp. 106-107).

lusitano, com RODRIGO DE MELO, em Junho de 1553, aprovado no exame para bacharel em Artes ⁽⁵³⁾.

Até 1560 não surgem outros nomes na documentação consultada. No ano de 1561 aparecem matriculados no Colégio de Santo António um FERNANDO ALVARES CARVALHO, natural de Lisboa ⁽⁵⁴⁾ e um GABRIEL ANDRADA, sem indicação de terra ou diocese, mas cujo apelido pode vinculá-lo a Portugal ⁽⁵⁵⁾. São ainda colegiais de Santo António os escolares que vivem em Alcalá nos anos imediatos: em 1563, um MANUEL COELHO, oriundo de Vila Viçosa ⁽⁵⁶⁾; em 1566, FERNANDO PEREIRA, natural de Bragança ⁽⁵⁷⁾, e FERNÃO LOPES, de Mesão Frio, na diocese do Porto ⁽⁵⁸⁾; em 1568 o célebre teólogo FREI HEITOR PINTO, que assina somente «português» ^(59 60); e no ano seguinte, ANTÓNIO DE BURGOS, natural de Miranda do Douro ⁽⁶⁰⁾. Em 1572 viviam em Santo António LUÍS DE VALENÇA E OSÓRIO, natural de Vila Real ⁽⁶¹⁾, e LOURENÇO GODINHO, de que a grafia do apelido indica certamente ser português ⁽⁶²⁾. Sobre estas figuras não se tomou possível recolher quaisquer dados biográficos.

8. No mês de Janeiro de 1573 passou em Alcalá de Henares o padre doutor Inácio Martins, da Companhia de Jesus, que ia participar em Roma na eleição do quarto geral da Companhia. Da sua passagem deixou uma saborosa notícia que cremos ainda inédita: «... Em Alcalaa onde esta hum Collegio a principal da Provincia, fomos recebidos de todos com muyta alegria, principalmente do Padre Mestre Simaõ, que ali reside. Não sey encarecer quanto todos nos conhecemos de ver e conversar: o que muito me edificou neste collegio, foi que sabendo que eu era procurador das índias de portugal vieraõ me fallar muitos irmãos dándome comta cada hũ em particular dos grandes E antigos desejos que tinham de yr à India e Jappão, pedindome lhes ouvera

⁽⁵³⁾ Arquivo Histórico Nacional, Madrid, F. 398, sem ind. de folio.

⁽⁵⁴⁾ Idem, livro 1252, fol. 167-168.

⁽⁵⁵⁾ Idem, livro 1252, fol. 160.

⁽⁵⁶⁾ Idem, livro 1252, fol. 242.

⁽⁵⁷⁾ Idem, livro 1253, fol. 156.

⁽⁵⁸⁾ Idem, livro 1253, fol. 146.

⁽⁵⁹⁾ Idem, livro 1254, fol. 44.

⁽⁶⁰⁾ idem, livro 1254, fol. 64.

⁽⁶¹⁾ Idem, livro 1252, fol. 158 e livro 1255, fol. 90.

⁽⁶²⁾ idem, livro 1254, fol. 255 e livro 1255, fols. 57 e 232.

esta licença de Roma. Os mais destes yrmãos erão artistas E theologos, huns que tinhaõ ia acabado, outros que hiaõ no meio de seus estudos: todos tomey em rol pera propor ao Padre geral... Vi também [foi. 2] a universidade de Alcalaa, e Entrei em o geeral da theologia onde me disse a pessoa que hia comiguo que estava 400 theologos, o que notei nesta universidade foi a cortezia E lhaneza dos estudantes: sem auer ahí muita nobreza saõ todos como iguais. Eu vi em hũa rua hum sobrinho de hú arcebispo, hia soo, E no andar, barrete, meneo, naõ se lhe via rasto de fantasia, por averiguado tenho que mostra mais fantasia os que estudam gramática em Coymbra que os theologuos e artistas de Alcalá...» (63).

Nesse mesmo ano eram colegiais de Santo António AFONSO DE VALENÇA, natural de Bragança (64) e PEDRO DE LUCENA, oriundo da Guarda (65). Na fase que precede a perda da independência, continuam a minguar os portugueses no Estudo complutense e a grande razão tem de procurar-se no prestígio de Salamanca como centro universitário. Mas a fama dos mestres de Alcalá era tida em conta por Filipe II, que solicitou do doutor Fernando de Valdivieso, reitor da Universidade, um fundado parecer sobre as razões que pretendia ter à Coroa portuguesa. «Obedesciendo el mandato de S.M. con la reverencia que deben», os professores da Faculdade de Teologia tiveram várias reuniões e, a 4 de Junho de 1580, assentaram a legitimidade da pretensão régia, estando presentes, além do Reitor, o doutor Torres, abade maior e chanceler, o doutor Casas, decano do Estudo, e os lentes Sanchez Paes, Juan Francia, Vela, Vasquez, Valhermoso, Diego López, Ximenez, Garcia Perez, Muñoz, Ruiz e muitos outros, «todos doctores en sancta Theologia, graduados en esta Universidad» (66).

Compôs-se assim a Resolución que dió la Facultai de Theologia de Alcalá acerca de la prosecución del derecho que S.M. del Rey Filippe

(63) Biblioteca Pública de Évora, *Manizola*, 36-12, 15 fols., *Roteiro que fez o P. Doutor Inácio Martins, da Companhia de Jesus, indo o ano de 1573 a Roma*, fols. 1-4.

(64) Arquivo Histórico Nacional, Madrid, livro 1255, fols. 102-103.

(65) ídem, livro 1255, fol. 124.

(66) Joaquim Veríssimo Serrão, *Fontes de Direito para a história da Sucessão de Portugal*; «Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra», vol. XXXV, Coimbra, 1960, pp. 113-114 da separata.

nuestro Señor tiene à los reinos de la corona de Portugal (67). Para os lentes de Compluto, o monarca herdara o trono português em virtude de um direito sucessório incontroverso e que superava o dos restantes candidatos, não havendo tribunal jurídico ou eclesiástico que pusesse em causa esse princípio. Filipe II não podia tão pouco respeitar a sentença dos cinco governadores que somente outorgavam a coroa a quem fosse judicialmente declarado por rei, visto o direito de Filipe II ser um atributo da sua própria realeza. Os doutores de Alcalá concluía, pois, que a ele pertencia a sucessão do reino português : «Y si los demás pretendores reclaman y ofrecen estar à derecho, no por eso S. M. puede tener obligación à reconocer por juez à quien no lo puede ser suyo, por ser su persona Real, desigual de los demas y exenta de todos los demas y de todo tribunal juridico en este caso».

9. Com a monarquia dualista, aumenta o número de portugueses em Alcalá, quase todos oriundos das Beiras, Trás-os-Montes e Entre Douro e Minho. Encontram-se poucos alentejanos, o que se compreende na medida em que a Universidade de Évora satisfazia o anseio dos que pretendiam seguir cursos de Artes e de Teologia (68). Por outro lado, os gerais de Salamanca continuaram todos os anos a atrair centenas de estudantes das dioceses da raia, que ali formavam uma verdadeira «nação» e podiam dispor dos muitos colégios e mosteiros que enchem a cidade do Tormes (69). Temos, pois, que Alcalá de Henares nunca foi um centro de constante fixação dos nossos escolares,

(67) Deste texto guarda-se uma cópia impressa no Arquivo Geral de Simancas, *Patronato Real*, 51-2, e uma cópia manuscrita na Biblioteca Nacional de Madrid, *Varios* (Citado por Cristóbal Perez Pastor, *Bibliografía madrileña ó descripción de las obras impresas en Madrid (siglo XVI)*, Madrid, 1891, p. 394, n.º 749. O texto impresso com base naquela cópia foi publicado por D. Miguel Salvá e D. Pedro Sainz de Baranda in *Colección de Documentos Ineditos para la Historia de España*, t. VII, Madrid, 1845, pp. 276-284. Veja-se ainda uma cópia do parecer in Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, *Manuscritos azuis*, 474, fols. 180-190.

(68) Vejam-se os bem elaborados catálogos de Maria Amélia da Motta Capitão, «Do ensino das Artes na Universidade de Évora», in *A Cidade de Évora*, ano XVI, n.º 41-42, Évora, 1959, pp. 213-398; e «Do ensino da Teologia na Universidade de Évora», *ibidem*, anos XIX-XX, n.º 45-46, Évora, 1963, pp. 33-109.

(69) Angel Marcos de Diós, *Portugueses en la Universidad de Salamanca (1580-1640)* ; dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia e Letras de Salamanca, 1975, ainda inédita.

recebendo os que dispunham de bens de fortuna para fazer os estudos numa Universidade mais tranquila ou os que apenas pretendiam obter o bacharelato ou a licenciatura em Artes e que depois seguiam para as Escolas maiores de Salamanca. Para facilitar uma investigação mais frutuosa, aqui se deixa a notícia dos nomes que foi possível localizar nos registos da Universidade complutense:

- 1580 — FERNÃO RODRIGUES, natural de Bragança, aluno de Medicina, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1256, foi. 201); e RODRIGO AFONSO, natural de Santa Marta de Ortigueira, no mesmo Colégio (Idem, livro 1256, foi. 213).
- 1581 — PEDRO MEXIA DE BOTELHO, natural de Vila Franca, sem indicação de diocese, no mesmo Colégio (Idem, livro 1256, foi. 228). MELCHIOR DE TEVES DE BRITO, natural de Lisboa, já licenciado em Artes por Alcalá, aparece matriculado em Salamanca, a 28 de Novembro desse ano ⁽⁷⁰⁾. VASCO DE ALMEIDA OU ALMADA, natural de Olivença, que era licenciado em Artes por Alcalá, surge também nos registos de Salamanca, a 2 de Dezembro de 1518, e ainda mantinha a escolaridade a 12 de Novembro do ano seguinte ⁽⁷¹⁾. SIMÃO CASTANHO, natural do Funchal, aparece matriculado na Faculdade de Leis de Salamanca, a 15 de Novembro de 1582, declarando ser licenciado em Artes por Alcalá ⁽⁷²⁾.
- 1583 — TOMÁS BARBOSA, natural de Guimarães, escolar de Santo António (A.H.N., livro 1257, foi. 134). DAMIÃO DE CERVEIRA, natural de Braga, no mesmo Colégio (A.H.N., livro 1257, foi. 147).
- 1584 — JUAN ANDRÉ, natural de Cella (freguesia do concelho de Chaves), também escolar de Santo António (A.H.N., livros 1257, foi. 208, e 1258, foi. 129).
- A. 1585 — ANTÓNIO ALVARES. Não se achou referência ao seu nome entre os mestres de Alcalá, embora Barbosa Machado o apresente como professor em Compluto e em Valladolid, infor-

⁽⁷⁰⁾ Arquivo da Universidade de Salamanca, 296, foi. 36v°.

⁽⁷¹⁾ Idem, 296, fol. 43; 297, fol. 23v°.

⁽⁷²⁾ Idem, livro 297, fol. 53v°.

mando também que em 1585 ofereceu ao duque de Ossuna, estando em Nápoles, o seu *Epistolarum et Conciliorum Medicinalium* (73).

- 1586 — MANUEL MENDES DE CASTRO, natural de Lisboa, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1257, foi. 358). No mesmo ano vem indicado como escolar do mesmo colégio um FRANCISCO AGUIAR, sem terra nem diocese de origem, o que não permite afirmar que se tratava de um português (A.H.N., livro 1257, foi. 293).
- 1588 — LUÍS CASTRO, natural de Bragança, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1258, foi. 90).
- 1590 — DOMINGOS CARVALHO, natural de Lamego, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1258, foi. 241-242).
- 1593 — AMBRÓSIO BRITO, natural de Viseu, colegial de Santo António (A.H.U., livro 1258, foi. 374).
- 1595 — ÁLVARO MENDES DE ATAÍDE, natural de Évora, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1261, foi. 489).
DUARTE DE LEMOS, natural de Vila Viçosa, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1258, foi. 429).
GASPAR COELHO ARANHA, natural de Coimbra, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1258, foi. 429).
- 1596 — FILIPE RODRIGUES, natural de Castelo Branco, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1258, foi. 490).
Antes deste ano foi bacharel em Artes um PEDRO FIGUEIRA, natural da Covilhã, diocese da Guarda, que a 26 de Outubro de 1596 se matriculou em Salamanca no primeiro ano de Teologia (74).
- 1597 — JOÃO PINTO PEREIRA, natural de Mogadouro, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1259, foi. 7).
FRANCISCO PERES, natural de Vila Viçosa, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1259, foi. 18). Seria o mesmo que vem indicado por Augusto da Silva Carvalho, *Notícia de alguns médicos do Alentejo*, Lisboa, 1929, p. 6 da separata, como sendo o cirurgião que ao redor de 1600 foi para o Perú?
FRANCISCO PEREIRA, natural de Vila Franca, diocese de Miranda, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1259, foi. 7).

^{C73}) Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, vol. I, Coimbra, 1965, p. 198.

⁽⁷⁴⁾) Arquivo da Universidade de Salamanca, 306, foi. 132.

- 1599 — GONÇALO PINTO PEREIRA, mestre-escola, natural da Guarda, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1259, foi. 78).
- A. 1600 — GASPARD CARDOSO DE SEQUEIRA, mestre em Artes por Alcalá e professor de Matemática em Lisboa, Coimbra e noutras terras da Península Ibérica. Nasceu em Murça no último quartel do século XVI e vivia ainda em 1631. Cf. Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. III, pp. 124-125.
- 1601—ANDRÉ MENDES FREIRE, sem indicação de naturalidade, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1259, foi. 151-152). ANTÓNIO DE FARIA, natural de Barcelos, deão do Colégio de Santo António (A.H.N., livro 1259, foi. 136-138). JORGE HENRIQUES, natural da Guarda, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1259, fol. 1). No mesmo ano surge um Enriquez George, natural da Guarda, como licenciado em Medicina (A.H.N., livro 1259, foi. 193), que cremos seja o mesmo.
- 1605 — LOURENÇO ÁLVARES — «Llórente Alvarez, n. Zarapicos», ou seja, a freguesia de Serapicos, do concelho de Bragança, colegial se Santo António (A.H.N., livro 1260, foi. 104).
- A. 1610 — Em ano que não pode fixar-se, mas sem dúvida no início do século XVII, estudou filosofia em Alcalá o carmelita FRANCISCO SOARES DE VILHEGAS, que passou depois a Bordéus, onde alcançou o grau de doutor em Teologia. Foi pregador da Rainha Ana de Áustria e conselheiro do rei Luís XIV, por alvará de 20 de Março de 1648. No ano seguinte era bispo de Mênfis. Faleceu em Paris a 17 de Abril de 1664, sendo enterrado no convento da Ordem do Carmo da mesma cidade. Cf. Manuel Caetano de Sousa, *Catalogo Historico dos Summos Pontífices, arcebispos e bispos portugueses...*, Lisboa, 1725, p. 151.
- 1611—BRÁS RODRIGUES, natural de Serpa, inscrito em Medicina (A.H.N., legajo 72-63). É o mesmo que, sendo cirurgião do Conselho de Portugal, recebeu em Madrid, a 22 de Setembro de 1629, a mercê de 40.000 réis de ordenado, além de 32.000 de aposentadoria, mais as propinas que lhe coubessem. Cf. Sousa Viterbo, *Noticia sobre alguns médicos portugueses ou que exerceram a sua profissão em Portugal*, Porto, 1915. pp. 164-165.

- 1612 — MIGUEL FERNANDES DA SILVEIRA, natural de Celorico (Portugal) inscrito no Colégio de Santo Antonio (A.H.N., livro 1260, fol. 532).
JERÓNIMO GOMES DE PEREIRA, natural de Vila Flor, diocese de Braga, colegial de Santo Antonio (A.H.N., livro 1260, fol.534). Houve erro por parte do estudante, visto a localidade pertencer à diocese de Miranda.
- D. 1613 — FREI TIMÓTEO DE CEABRA PIMENTEL, carmelita. Cf. Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, vol. III, pp. 761-762.
- 1614 — LUÍS GOMES LOBO, natural de Castelo Branco, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1261, foi. 75).
MANUEL DE ALMEIDA, natural de Castro Daire, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1261, fol.75).
PEDRO HENRIQUES PEREIRA, natural de Torre de Moncorvo, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1261, foi. 8).
- 1615 — FREI JOÃO DE S. TOMÁS, professor em Alcalá. Cf. Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, vol.II, p. 776.
- 1617 — LUÍS TELO, natural, de Mongorio (?), Portugal. Inscrito no Colégio de Santo António (A.H.N., livro 1262, foi. 254).
- 1621—BERNARDO MENDES, natural de Eivas, escolar de Medicina (A.H.N., legajo 72-76).
- 1624 — BENTO PEREIRA DE LELO, natural de Botão, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1261, foi. 495).
- 1625 — FERNANDO SOARES BARBOSA, natural de Fronteira, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1261, foi. 526).
- 1626 — FRANCISCO GONÇALVES PRADO, natural de Montalvão, aluno de Medicina (A.H.N., legajo 72-90).
- 1627 — DIOGO CORREIA, natural de Tavira, estudante de Medicina (A.H.N., legajo 72-95).
ANTÓNIO MORAIS DANTAS, natural de Mogadouro, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1626, foi. 48-48v.).
ANTÓNIO DE SOUSA, natural de Amarante, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1262, foi. 64).
- 1628 — FRANCISCO ANDRÉ, natural de Vila Seca (Portugal), diocese de Miranda, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1262, foi. 91).
- 1631 — N. RIBEIRO DE VASCONCELLOS, (Basconcillos) natural de «Cercanello», diocese de Lamego, escolar de Santo António (A.H.N., livro 1262, foi. 157).

DIOGO DE LIMA, natural de Lisboa, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1262, foi. 159).

1620-1625 — PAULO CORREIA, natural de Marialva, médico e catedrático de véspera em Alcalá. Cf. Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, vol. IV, p. 511.

1634 — MELCHIOR PERES, natural de Bragança, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1262, foi. 159).

1637 — BERNARDO ESCOBAR, natural de Villa de Frades (Beja), aluno de Santo Ildefonso (A.H.N., livro 1249, foi. 2, e 1253, fol. 1).

1639 — MELCHIOR DE MORAIS, sem indicação de naturalidade, colegial de Santo António (A.H.N., livro 1263, foi. 69).

Que um investigador diligente tome pois a iniciativa de reconstituir a passagem dos nossos mestres e escolares pela Universidade de Alcalá de Henares, com a certeza antecipada de que virá a erguer uma obra fundamental para a história da Cultura portuguesa.

JOAQUIM VERÍSSIMO SERRAO